

UM PARALELO ENTRE O INDUSTRIAL E O ECLÉTICO NA CIDADE DE PELOTAS/RS O caso da antiga Cervejaria Sul-Riograndense

*A PARALLEL BETWEEN INDUSTRIAL AND ECLECTIC IN THE CITY OF PELOTAS/RS
The case of the old Cervejaria Sul-Riograndense*

Carina Farias Ferreira¹ e Natália Toralles dos Santos Braga²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo realizar um paralelo entre o ecletismo e a industrialização em Pelotas/RS, utilizando como objeto de estudo o complexo da antiga Cervejaria Sul-Riograndense, importante exemplar do acervo do patrimônio industrial da cidade, e que possui, em sua arquitetura, características representativas dos dois períodos. Para tanto, apresenta-se uma revisão bibliográfica sobre a construção do estabelecimento fabril e suas diversas transformações funcionais e arquitetônicas ao longo de seu funcionamento, e que o configuraram como relevante para a economia da época. Nesse cenário, apresenta-se também sua relação com o entorno – região administrativa do Porto – e discute-se a representatividade que os estilos eclético e industrial possuem na cidade, no que tange a sua preservação. Como resultado, foi possível demonstrar a relevância tanto histórica quanto arquitetônica através das suas particularidades e potencialidades para futuros usos previstos, ainda que não em sua totalidade.

Palavras-chave: ecletismo, patrimônio industrial, Porto de Pelotas, Cervejaria Sul-Riograndense.

Abstract

This paper aims to draw a parallel between eclecticism and industrialization in Pelotas/RS, using as its object of study the building of Cervejaria Sul-Riograndense as an important example of the city's industrial heritage, and its architecture has characteristics of both periods. To this end, a bibliographic review is presented on the construction of the factory and its various transformations throughout its operation, which also configured its economical relevance. In this scenario, its relationship with the Porto neighborhood is also presented and the representativeness that the eclectic and industrial styles have in the city is discussed with regard to their preservation. As a result, it was possible to demonstrate both the historical relevance and the formal characteristics of the architecture of the building with its particularities and its great potential for the new use to which it is being destined, although not in its entirety.

Keywords: ecletismo, industrial heritage, Port of Pelotas, Cervejaria Sul-Riograndense.

¹ Mestra e Doutoranda no Programa de Pós – Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas - PROGRAU/UFPel, nas linhas de pesquisa de Tecnologia e Conservação do Ambiente Construído e Teoria e Patrimônio Cultural, respectivamente. Graduada em engenharia civil pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (2014) e em Conservação – Restauração de Bens Culturais Móveis pela Universidade Federal de Pelotas (2023).

² Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas - PROGRAU/UFPel, na linha de pesquisa de Teoria, História, Patrimônio e Crítica (2023), foi bolsista CAPES e elaborou a dissertação intitulada “Cinema, Cidade e Arquitetura: Pelotas/RS”. Graduada em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas - FAUrb/UFPel (2020) e desenvolveu o trabalho final de graduação intitulado “Complexo Cinematográfico: um espaço de memória e de criação”, temática que seguiu no mestrado. Atualmente é aluna de mestrado na The Glasgow School of Art no programa MDes in Design Innovation and Future Heritage.

Introdução

O presente artigo se propõe a realizar uma discussão sobre as transformações funcionais do patrimônio industrial, traçando por meio da antiga Cervejaria Sul Riograndense, em Pelotas, um paralelo entre os diferentes períodos que caracterizam o patrimônio cultural edificado da cidade. O objeto de estudo foi definido por ser um exemplar representativo de dois diferentes momentos arquitetônicos, podendo ser vistas características do ecletismo historicista e da arquitetura industrial.

A principal atividade econômica da região de Pelotas foi, por muito tempo, a criação de gado, atividade essa utilizada inicialmente como uma estratégia de assegurar a posse do território (Martins, 2002). Com o desenvolvimento da indústria do charque associado ao crescimento urbano e populacional, houve, na arquitetura, uma adaptação de linguagens europeias que estavam em voga. Assim surgiu o ecletismo, caracterizado por adaptações e releituras dos modelos originais, averiguando-se, no período compreendido entre 1870 e 1900, um predomínio de construções de palacetes de charqueadores, estancieiros e comerciantes – tendência que entrou em declínio nas primeiras décadas do século XX (Cerqueira, 2014). Para Santos (2014), o ecletismo historicista se desenvolveu em Pelotas entre os anos de 1870 e 1931, marcando a profusão de ornamentação tanto nas caixas murais quanto nos interiores das edificações com inspiração europeia, e sendo reproduzido na arquitetura residencial, comercial, administrativa, institucional e fabril.

Nesse contexto, a Zona Portuária de Pelotas, conhecida como região administrativa do Porto, é uma das quatro zonas de preservação do Patrimônio Cultural da cidade, com um acervo representativo do patrimônio industrial da região, e um exemplo das transformações econômicas e urbanas sofridas ao longo dos anos. Devido ao seu posicionamento estratégico, o local passou a configurar uma das principais alternativas ao capital fabril estrangeiro, tendo o ápice do seu desenvolvimento econômico nas primeiras décadas do século XX (Coelho; Michelon; Nogueira, 2022). Em concordância a isso, Patron e Chaves (2018) relatam que o local tornou-se o mais apropriado para as atividades em função do elevado movimento dos navios e grande rotatividade de mercadorias, além de sua ligação ao centro da cidade por bonde (meio de transporte da época). Como consequência desse processo, Coelho, Michelon e Nogueira (2022) descrevem que ocorreu também o desenvolvimento social e territorial, e a região passou por diversas transformações estruturais com a implantação, por exemplo, de vilas operárias e a construção de edifícios públicos.

Diante do mencionado, segundo Soares (2014), um lugar pode ter sua identidade associada a características da sua origem, da sua relação com o sítio natural, ou também do seu processo de desenvolvimento. Nesse sentido, ainda de acordo com a autora, a região em questão, teve inicialmente sua identidade relacionada à sua funcionalidade como local portuário e fabril, em que essa última terminou a configuração paisagística, visto requerer grandes áreas para construção de seus prédios. Para Choay (2001), a arquitetura, entre as artes maiores, é a única que tem o seu uso como parte de sua essência, mantendo uma complexa relação com suas finalidades estética e simbólica. Nessa conjuntura, a antiga Cervejaria Sul-Riograndense, objeto de estudo desse artigo, tem sua identidade fortemente marcada por seu uso, refletindo na forma em que foi construída, tendo, conforme Braga (2019), nos diferentes volumes que compõe o complexo um reflexo do progresso que o estabelecimento possuía e o crescente desenvolvimento industrial em que a cidade se encontrava.

Atualmente, a região – que anteriormente era de intensa atividade industrial – é caracterizada por grandes edificações industriais subutilizadas em estado de deterioração e residências, as quais representam as diferentes fases da arquitetura

da cidade. Esse conjunto, para Soares (2014), forma uma paisagem carregada culturalmente e, apesar das edificações residenciais apresentarem certa simplicidade, possui valor na ambiência formada pelo seu espaço urbano e pela soma das construções que resultam em um contexto ímpar - com significativo valor tanto histórico quanto arquitetônico.

Contextualização histórica da antiga Cervejaria Sul – Riograndense

Conforme já mencionado, até o final do século XIX, a grande propriedade de terra oriunda da divisão das sesmarias, estruturou, na metade sul do Estado, a produção do charque (base produtiva regional) possibilitando a capitalização e a concentração de renda por determinadas famílias, além de consolidar o estilo eclético na arquitetura. Somado a isso, na cidade de Pelotas uma série de características favorecia a consolidação de um parque industrial a partir de fatores que poderiam reproduzir seu capital, surgindo assim diversas atividades relacionadas a agricultura e indústria local potencializando o desenvolvimento de um setor secundário (Schumann; Lourenço; Duarte, 2019). Nesse cenário, Salaberry (2012) descreve que na cidade se desenvolveu uma industrialização mista, conciliando a grande indústria direcionada para a exportação e a produção voltada para o abastecimento regional.

Assim, as primeiras indústrias instaladas na zona urbana seguiram a lógica capitalista, concentrando-se a maioria nas imediações das áreas portuárias e ferroviárias em razão das vantagens para a circulação das mercadorias e, consequente desenvolvimento da atividade industrial. O processo de industrialização ocasionou, não somente o desenvolvimento dos meios de transporte, das obras de saneamento, e das construções de estradas federais e estaduais, mas também modificou as relações entre a sociedade, o tempo e o espaço (Schumann; Lourenço; Duarte, 2019). Com o desenvolvimento da infraestrutura, novas formas de construção, e a industrialização, a Pelotas das primeiras décadas do século XX encaminhava-se à conquista da imprescindível forma do estatuto almejado: uma urbe moderna e progressista. As cidades começavam a incorporar a velocidade através dos mecanismos (fatos, hábitos e coisas) que determinavam ritmos mais céleres à existência (Michelon, 2004).

No contexto explicitado, a Cervejaria Haertel que, mais tarde, seria conhecida como Cervejaria Sul-Riograndense, foi fundada, em 1889, pelo Capitão Leopoldo Haertel, descendente de imigrantes alemães da região de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, não indicando inicialmente o crescimento exponencial que sofreria em decorrência de sua alta produção (Moura; Schlee, 1998; Coelho; Michelon; Nogueira, 2022). Em 1913, uma notícia no *Almanach* de Pelotas (Ferreira & Cia, 1913) indicava, entretanto, a fundação do estabelecimento em 24 de setembro de 1890, nos fundos do que viria a ser o complexo, em um pequeno prédio alugado. De acordo com Salaberry (2012), o espaço foi sendo ampliado, em diversas etapas, ao serem adquiridos novos imóveis e terrenos do entorno, até que a fábrica incorporasse o quarteirão em sua totalidade (Figura 1). Almeida (2024) define o estabelecimento como uma das duas maiores cervejarias de Pelotas, com uma significativa produção e alcance além do mercado gaúcho, no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. No local, segundo o pesquisador, eram fabricadas além de cervejas diversas, chope, gelo, limonadas, águas minerais e gasosas, tendo sua matéria-prima importada da Alemanha, Chile e América do Norte, visto a dificuldade de obtenção local devido a concorrência.

Em 1897, foi construída uma edificação voltada para a Rua Benjamin Constant, cujo uso inicial era para residência da família Haertel, tendo posteriormente seu acesso modificado quando o prédio passou a ter função administrativa (Cabete, 2019). A partir desse ano foram realizadas diversas ampliações no estabelecimento, estando

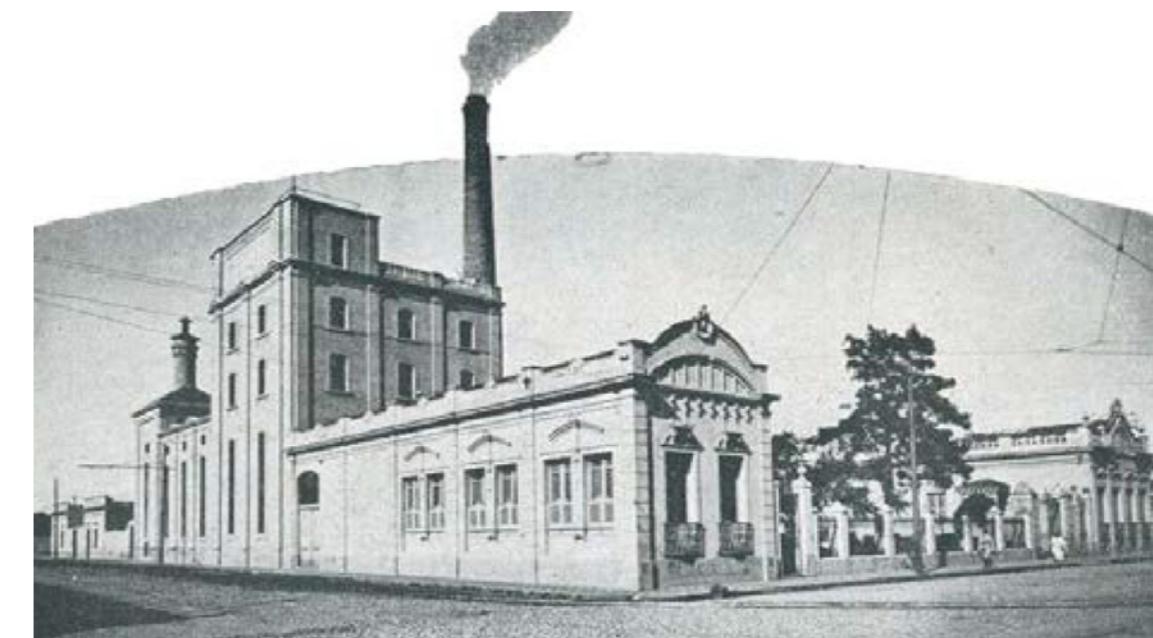


Figura 1 – Cervejaria Sul-Riograndense. Fonte: Carricande, 1922. Acervo Guilherme Pinto de Almeida.

descrito, no ano de 1913, no *Almanach* de Pelotas que esse estava introduzindo importantes reformas e melhorias que seu constante desenvolvimento exigia (Ferreira & CIA, 1913). Nesse momento a fábrica contava no seu pessoal com "um guarda livros e um ajudante de escritório, um maquinista, três ajudantes de máquinas, um mestre e quarenta operários" (Ferreira & CIA, 1913, p.107). Nesse contexto, Cabete (2019) menciona que, com seu crescimento, a cervejaria passou a ser reconhecida pela sua alta produção, ganhando medalha de bronze em uma exposição nacional de 1901, e cujo sucesso da premiação ocasionou, conforme Coelho, Michelon e Nogueira (2022) em um crescimento tanto de produção quanto de operários.

Em 1914, considerado um momento de grande ampliação arquitetônica, Almeida (2024) descreve que a cervejaria exportava 2 milhões de garrafas por ano, finalizando 24 mil garrafas, devidamente seladas, rotuladas, empalhadas e encaixotadas, em apenas 10h de trabalho. Nesse período, o local contava com 60 operários, e os três filhos homens do proprietário estavam envolvidos na direção técnica, tendo alguns deles estudado sobre a fabricação de cerveja na Alemanha. Assim, destaca-se dentre as alterações espaciais, a construção, entre os anos de 1914 e 1915, dos novos escritórios e de uma edificação de cinco pavimentos (Figura 2) no alinhamento de uma das ruas laterais (Moura; Schlee, 1998; Santos, 2002). Entretanto, segundo Cabete (2019), nas décadas de 1920 e 1930, as grandes cervejarias do polo Rio – São Paulo iniciaram um processo de fusão e passaram a englobar indústrias menores. Como forma de evitar esse processo, Coelho, Michelon e Nogueira (2022) relatam que as três cervejarias independentes da região de Pelotas, Ritter, Anselmi e Haertel uniram-se em uma só, e em 1931, formaram a Cervejaria Sul Brasil Limitada. Já em 1931, Santos (2002) relata que foram refeitos os primeiros edifícios da fábrica, datados de 1889.

Na segunda metade do século XX, a região passou por um período de estagnação, resultado de um processo de decadência econômica, iniciado no começo dos anos 30, com a quebra do Banco Pelotense (Soares, 2014). Nesse contexto, a estratégia, buscava impedir a entrada das grandes marcas no mercado pelotense, possibilitou uma produção regular, mesmo que pouco competitiva, sendo eficiente até 1946, quando finalmente a Cia Cervejaria Brahma comprou o complexo da antiga Sul - Riograndense, suspendeu sua produção e o manteve como depósito, garagem e centro de distribuição local da produção vindas de Porto Alegre (Coelho; Michelon; Nogueira, 2022; Cabete,

Figura 2 – Construção dos escritórios, em 1915. Fonte: Ferreira & Cia apud Salaberry, 2012.



2019). Em 1983, visto a importância, tanto econômica quanto arquitetônica da antiga cervejaria, a Prefeitura Municipal de Pelotas iniciou, por meio do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural, um processo de tombamento do complexo que, devido à intervenção do grupo Brahma, não se concretizou (Cabete, 2019). Já em 1995, segundo Cabete (2019), com indícios de que ocorreria a demolição de todo o complexo para a execução de um novo prédio, teve-se a intervenção da Divisão do Patrimônio Histórico e Cultural da Prefeitura de Pelotas, sendo a demolição impedida. Ainda de acordo com a autora, em 1999, foi realizado um inventário pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE), atualizado em 2004 indicando a preservação da fachada e volumetria dos prédios que compõem o complexo.

Nos anos 2000, o local foi doado para a Prefeitura Municipal de Pelotas, sendo realizado um estudo de viabilidade para transformá-lo para uso residencial, o que não se concretizou (Cabete, 2019). Nessa conjuntura, Almeida (2024) menciona que no final da década de 2000, o complexo, abandonado e em estado de degradação, foi entregue aos cuidados da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sendo posteriormente realizada a doação. Ainda de acordo com o pesquisador foram cogitados, e inviabilizados, dois usos para o espaço: o primeiro como sede do Instituto de Geologia e Energias Renováveis e o segundo o centro Mercosul Multicultural, associado ao já consolidado Centro de Interações do Mercosul. Diante disso, em 2012, teve-se o Espaço Expositivo Universitário Galeria “Brahma”, e, em 2015, foi inaugurada a atual sede da Livraria da UFPel (Figura 3), no edifício que originalmente abrigou o escritório da fábrica (Almeida, 2024).

Contextualização arquitetônica eclética e industrial sob a perspectiva do patrimônio cultural

O acervo arquitetônico de Pelotas relaciona-se diretamente com sua história socioeconômica, sendo as características dos diferentes períodos refletidas em seu patrimônio edificado. Conforme Moura e Schlee (1998), a história da cidade pode ser representada sob os aspectos arquitetônico, econômico e cultural, que segundo Goularte (2014) permitiram a construção de um denso acervo cultural. Os autores



descrevem que em relação a arquitetura, o centro histórico sofreu uma transição da linguagem luso-brasileira, ao ecletismo, ao modernismo e ao pós-modernismo. Referente ao aspecto econômico-cultural, Moura e Schlee (1998) apontam que a cidade apresentou diversos níveis econômicos, do desenvolvimento oriundo do charque (com uma posterior estagnação) a uma alta na economia, derivada do período industrial.

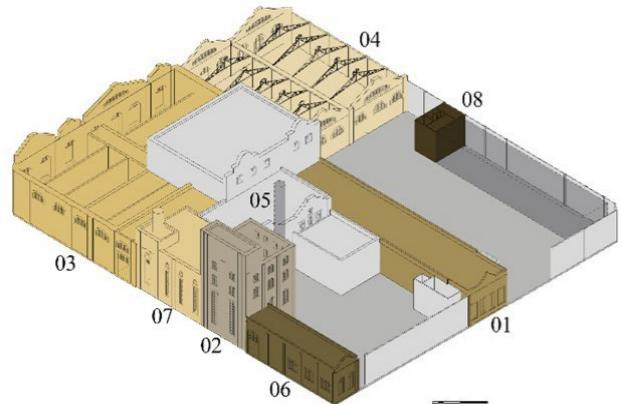
Rodrighiero e Oliveira (2023) mencionam que apesar de algumas construções inspiradas no período do colonial persistirem na mudança da linguagem arquitetônica para o Ecletismo e também para o Protomodernismo, desenvolvido posteriormente, o ecletismo é representativo de grande parte dos bens inventariados e patrimonializados da cidade. Nesse sentido, Goularte (2014) relaciona a busca da população por locais com memórias significativas, na paisagem urbana e no ambiente construído, com o entorno dos lugares da cidade em que se tem o patrimônio eclético. A autora atribuiu isso ao fato de que, ao menos inicialmente, esses foram os mais cultivados e explorados para eventos por parte do poder público, e por consequência mais frequentados pela população, enquanto, são menos destacados e os locais onde se encontram as *friches* são menos cultivados e ocupados, tornando-se menos valorizados. Entretanto, a partir da cultura visual o *friche*³ industrial pode ser igualmente compreendido como um fenômeno inserido no espaço urbano, que, com seu percurso histórico, é transmissor dos diferentes ideais, relacionando a população com os diversos momentos e formas de vivência (Goularte, 2014).

A premissa de preservar exemplares da industrialização consiste no funcionalismo que caracteriza essas edificações, que antecede em muito as premissas do modernismo, apresentado no patrimônio industrial em uma variedade e qualidade formal derivada essencialmente de uma preocupação utilitária (Salaberry, 2012). Diante disso, Lemos (2006) descreve que a preservação arquitetônica é intrinsecamente ligada às necessidades de adaptação e exigências contemporâneas, variando desde o reuso dos materiais e adequação do espaço, até o abandono e destruição total. Ao tratar-se de patrimônio industrial, segundo Kuhl (2021), o interesse por sua preservação

³ Goularte (2014) define como vazios industriais, no meio urbano, provenientes do processo de desindustrialização.

Figura 3 – Prédio em que atualmente se localiza a Editora da UFPEl.
Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 4 – Esquema evolutivo da edificação. Fonte: Braga, 2019. Adaptado pelas autoras, 2025.



Legenda:
 [01] (1897) Residência da família Haertel
 [02] (1911) Chaminé de 36m altura
 [04] (1913) Salão de engarrafamento com setor de lavagem
 [05] (1914) Edifício de cinco andares com um mirante
 [06] (1915) Escritório. O edifício foi restaurado em 2012 e hoje abriga a livraria da UFPel
 [07] (1917) Edificação para caldeiras
 [08] (1931) Depósito de garrafas e caixas. O novo volume possuía um telhado em quatro águas com estrutura de madeira e telha francesa sem forro

relaciona-se à ampliação do que é considerado bem de interesse cultural, que vem ocorrendo ao longo das últimas décadas. Para a autora, esse crescente processo e a inclusão de espaços fabris, explicita a ligação do patrimônio com aspectos de cultura, incluindo os memoriais e simbólicos, e as formas como esse pode qualificar o ambiente. Ferreira (2021), menciona que o impasse no entendimento dos remanescentes industriais como testemunhos de uma história talvez tenha como explicação a dificuldade em enquadrá-los em critérios estabelecidos e que nortearam a concepção inicial de patrimônio, como os de antiguidade e beleza. Somado a isso, Kuhl (2021) menciona a suposta inviabilidade econômica de preservar ao tratar-se dessas edificações, e a frenquência como essa ação é vista como alienada, em parte e na maioria das vezes, por seu grande porte. Essa particularidade, entretanto, pode, de acordo com Choay (2001) tornar esses locais, apesar da dificuldade de reconhecimento no âmbito do valor histórico – artístico, potencialmente reutilizáveis, visto a amplitude espacial e relativa versatilidade. Para Choay (2001, p.219) “os edifícios isolados, em geral de construção sólida, sóbria e de manutenção fácil são facilmente adaptáveis às normas de utilização atuais e se prestam a múltiplos usos, públicos e privados”.

Nessa perspectiva, Goularte (2014) destaca que o patrimônio industrial pode também ser compreendido e ressignificado como um objeto artístico contemporâneo, “uma vez que representa um espaço de transformação da cidade e possibilita um local de fruição à medida que se desencadeia seu processo de degradação”. Dessa forma, conforme a autora, baseando-se no ponto de vista da arte e da arquitetura pode-se pensar que antes de tornar-se um *friche*, o edifício industrial foi executado a partir da ideia de abrigar lugares de trabalho, relacionando-se com a população por meio de um sistema de produção. Goularte (2014) relata ainda, que edificações fabris com suas características tipológicas são a materialização desse processo, e por consequência tornam-se portadoras de valores como o artístico e arquitetônico. Contudo, atualmente, essas edificações apresentam apenas parte da ideia original de sua concepção, onde muitas vezes, não se pode compreender o todo devido às lacunas causadas pela degradação. Assim, em suma, os bens culturais em geral, e o patrimônio industrial em particular, podem ser considerados importantes contrapesos utilizados na ampliação da consciência sobre as disfunções do presentismo, já que mostram em sua materialidade, a concepção de um tempo alargado, oferecendo contribuições significativas em várias frentes (FERREIRA, 2021). Conforme Kuhl (2021), para tratar na atualidade de temas



relacionados ao patrimônio industrial torna-se relevante comprehendê-lo como parte das discussões sobre patrimônio como um todo, sendo comum, devido as particularidades desses bens, ocorrer certa exclusão do campo da restauração. Ainda de acordo com a autora, essa postura pode denotar uma tendência a enfrentar esses bens de forma predominantemente empírica e uma exceção que afasta-se de qualquer tentativa de regramento.

Com base no contexto citado, em Pelotas a arquitetura industrial foi caracterizada por edificações funcionais em contraste com a riqueza ornamental do ecletismo. Por conta disso, um estudo aprofundado sobre esta arquitetura se tornou fundamental para compreensão do processo de desenvolvimento econômico, social e identitário da cidade. Este artigo busca explorar essa temática através de uma análise arquitetônica do antigo complexo da Cervejaria Sul-Riograndense.

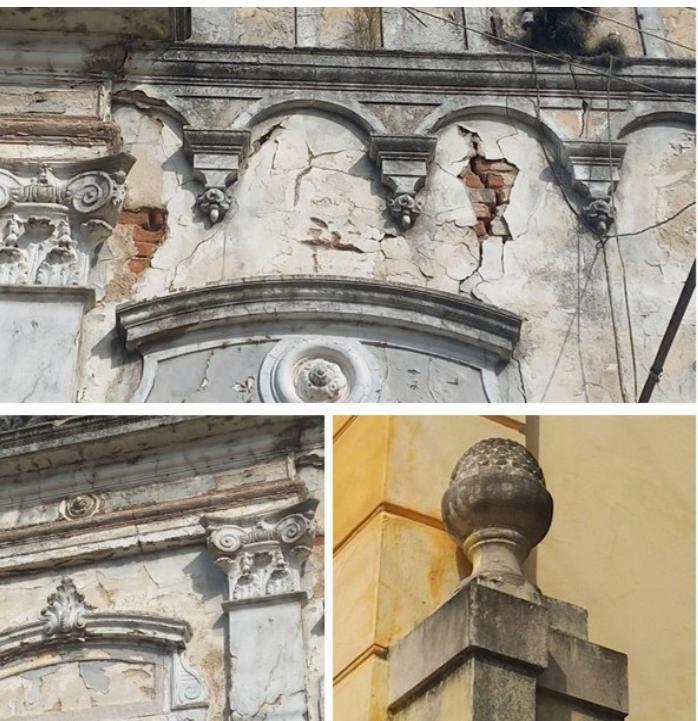
A arquitetura da antiga Cervejaria Sul-Riograndense

As residências particulares, os prédios e locais de uso coletivo executados no período com influência europeia estavam concentrados no centro da cidade. Já o Porto passou por uma estruturação urbana com a concentração industrial no local, que ocasionou, além da territorialização de empresas e comércios ligados às fábricas, o surgimento de bairros operários representativos do viver cotidiano dos trabalhadores (Schumann; Lourenço; Duarte, 2019). Nesse cenário, Soares (2014) relata a existência de diversas linguagens arquitetônicas no bairro, provenientes das diferentes etapas de seu desenvolvimento no decorrer do tempo. Assim, o local apresenta características de homogeneidade em muitos aspectos, como a alturas das edificações e seus usos, além de sua arquitetura – da eclética até a contemporânea (Soares, 2014, p.72).

A arquitetura da antiga Cervejaria Sul-Riograndense é representada por um conjunto de prédios edificados em diferentes períodos, que abrigavam toda a área necessária para a sua produção. A Figura 3 apresenta um esquema evolutivo da edificação ao longo dos anos, com a representação dos volumes construídos. Segundo Moura e Schlee (1998) a execução do complexo em etapas resultou na criação de um conjunto arquitetônico com uma grande diversidade de volumes, que mesmo executados em

Figura 5 – Prédios em estilo eclético com a fábrica ainda em funcionamento. Fonte: DOMEQ & CIA, 1916, apud, Slaberry, 2012. Figura 6 – Prédios em estilo eclético. Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 7 – Detalhes decorativos da fachada. Fonte: Autoria própria, 2025.

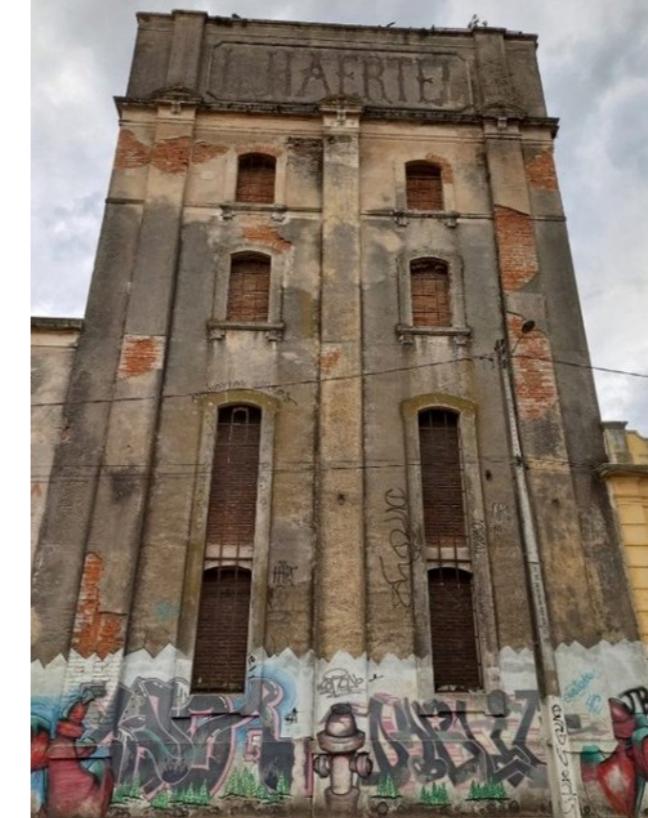


harmonia proporcionam uma heterogeneidade estilística. Essa questão é abordada por Montelli (2005) que menciona que é possível perceber as diferentes funcionalidades, residencial e fabril, através da leitura das linguagens arquitetônicas das construções, apresentando características do ecletismo difundido no centro da cidade. Assim, segundo a autora, o complexo fabril articula os dois tipos de construções que caracteriam o Porto, refletindo assim, parte da sua história. Exemplos de indícios importantes para compreensão da época de construção e a que se destinavam os setores, são as estruturas em ferro existentes; a modulação; as abobadilhas, como solução estrutural para as lajes cobrindo grandes vãos; a chaminé; e algumas paredes portantes, que chegam a medir mais de 2 metros de espessura, enquanto as mais recentes medem cerca de 20 cm de espessura (Cardoso, 2018; Montelli, 2005).

O ecletismo pode ser visto nos volumes correspondentes aos antigos escritório e residência da família (Figura 5), perceptíveis até o dia de hoje (Figura 6), por apresentarem características como base, corpo e coroamento – disposição clássica da arquitetura eclética. Ambos volumes contêm porão alto, balcões guarneidos por gradis de ferro trabalhado, ornamentos anexados à fachada (como pinhas, palmetas, folhas de acanto e rosetas), pilastras com capitéis decorados, e frontões cimbrados (triangulares e arqueados) com platibanda ornamentada (Braga, 2019; Santos, 2002) (Figura 7). Já na torre, executada no mesmo período e de uso exclusivamente fabril, há uma certa repetição de ornamentos nas fachadas, como “no embasamento, nas cornijas das cimalhas das fachadas, nas platibandas que as arrematam, nas pilastras colossais encimadas por frontões cimbrados, nas cartelas que coroam as janelas das fachadas laterais” (Figura 8) (Santos, 2002, p.79).

A respeito dos revestimentos aplicado no interior das edificações, é possível observar a presença de forros decorados, de azulejaria, de ladrilhos hidráulicos e de escaiolas⁴ (Figura 9). Nesse sentido, Braga (2019) menciona que, segundo material disponibilizado pelo pesquisador Guilherme Pinto de Almeida, a edificação de cinco andares apresentava

⁴ Técnica de pintura mural, que ao longo dos anos, segundo Aguiar (2002), passou ao longo a designar popularmente, e simplificadamente, a todo o tipo de fingimento de pedras ornamentais, como o mármore.



ladrilhos hidráulicos e paredes revestidas, a meia altura, com azulejos portugueses em azul e branco, encimados por escaiolas (Figura 9). Atualmente, na edificação da Editora UFPel identifica-se – através de uma janela de prospecção – detalhes das escaiolas, tanto no centro da parede quanto em um barrado na parte superior (Figura 10). Parte desta última foi refeita no processo de restauração do prédio, utilizando a técnica do estêncil, com tons de vermelho, laranja, verde e marrom, com folhagens e flores sinuosas e a da parte central com outro elemento abaixo também com motivos florais e folhas, envoltas por desenhos geométricos como círculos e triângulos.

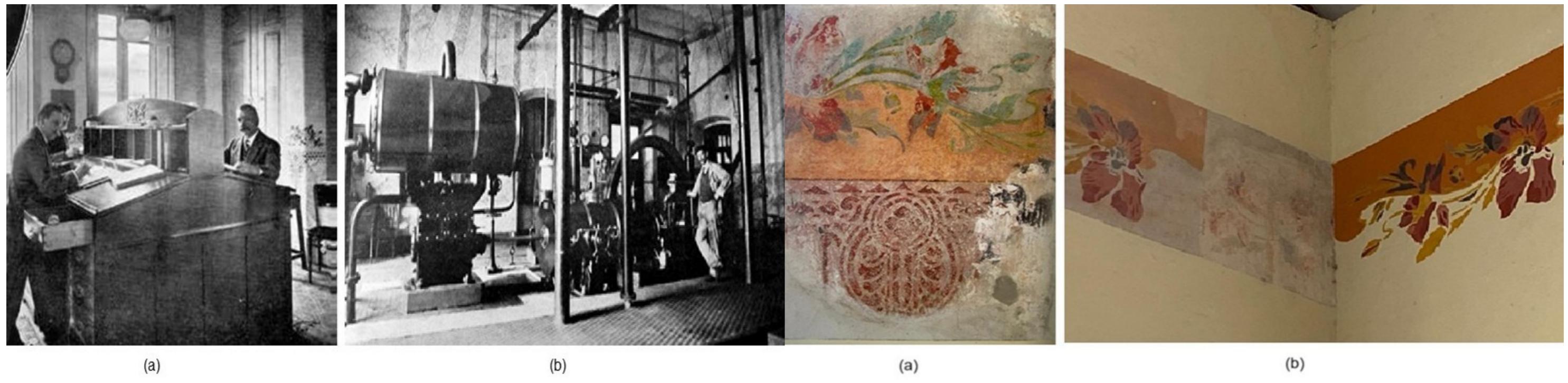
A noção de “modernidade” presente na virada do século XIX para o século XX, foi definida por fatores como a mecanização da cidade, a introdução de novos materiais como ferro, vidro e aço, e por arquitetos criativos dispostos a expressar nos espaços e nas formas o novo estado das coisas (Curtis, 2008). Em Pelotas, essas transformações não só evidenciaram a riqueza criativa dos construtores locais, como também originaram um estilo característico dessas regiões marginais, menos grandioso, monumental e suntuoso, porém muitas vezes elegante e pitoresco. Um exemplo da originalidade peculiar dos pelotenses foi, justamente, como desenvolveram-se as características decorativas das edificações, como exemplo da execução das pinturas parietais e as técnicas associadas a ela (Santos, 2002).

Sob o ponto de vista arquitetônico o complexo em questão ao associar o eclético e o industrial adquire uma característica particular, tornando-se marco não somente do período industrial da cidade, mas especificamente da transição entre dois momentos distintos. Além do âmbito da arquitetura, todas as transformações construtivas, ocorridas ao longo dos anos de seu funcionamento, demonstram também como ocorreu o desenvolvimento econômico e social do setor.

Considerações finais

Neste artigo buscou-se discutir as transformações ocorridas ao longo dos anos no antigo complexo da Cervejaria Sul-Riograndense, utilizando-o como um exemplo para a associação entre o ecletismo historicista e a industrialização de Pelotas – que acompanhou a narrativa das transformações tanto arquitetônicas quanto urbanísticas

Figura 8 – Prédio com cinco pavimentos construído entre 1914 e 1915. Fonte: Autoria própria, 2025.



(a)

(b)

da cidade. Cada local vai refletir em sua espacialidade as características que denotaram sua origem e seu desenvolvimento, seja histórico, político, econômico ou social. No caso da região administrativa do Porto, os estabelecimentos fabris ali instalados são marcas de um passado industrial próspero que sucedeu o período das atividades charqueadoras na cidade de Pelotas.

No que tange ao processo inicial de busca do que seria o patrimônio cultural representativo do país e sua identidade, o ecletismo precisou ser constantemente resgatado por conta de sua importância nos aspectos históricos, culturais e arquitetônicos. Já no patrimônio industrial, as consideradas recentes ampliações do conceito de bem cultural vem introduzindo questões referentes à sua preservação. Nesse sentido, a antiga Cervejaria Sul-Riograndense abrange esses dois períodos e linguagens arquitetônicas, refletindo a funcionalidade de cada setor e a intencionalidade do que se queria representar.

Além do mencionado, esses estabelecimentos fabris auxiliam no entendimento da territorialização e nas consequências da industrialização, contribuindo para a construção de uma nova identidade do espaço baseada na funcionalidade passada. Assim, a relevância tanto histórica quanto formal de sua arquitetura consagram o complexo da antiga cervejaria como um importante exemplar do patrimônio industrial da cidade. Ao ser incluído nas discussões acadêmicas, o conjunto levanta questionamentos acerca das potencialidades de seu uso na contemporaneidade, abrangendo suas peculiaridades e sua relação com o entorno.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Figura 9 – Interior da Cervejaria Sul Rio-Grandense, em 1915 com as escravas ao fundo (a) Escritório. Fonte: Rubira, 2014. (b) Sala com maquinário de origem alemã. Fonte: Acervo Guilherme Pinto de Almeida.

(a)

(b)

Referências

- AGUIAR, José. *Cor e Cidade Histórica: Estudos Cromáticos e Preservação do Patrimônio*. Porto: FAUP, 2002.
- ALMEIDA, Guilherme Pinto de. *Episódio 4 – Antiga Cervejaria Sul – Riograndense de Leopoldo Haertel*. [s.l.]: Lugares do Porto, 2024. 1 vídeo (4min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l8VO04MzCpQ>. Acesso em: 10 jan.2025.
- BRAGA, Natalia Toralles dos Santos. *Complexo cinematográfico: um espaço de memória e de criação*. 2019. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- CABETE, Elisa Elias. *Cervejaria Sul – Riograndense/Brahma*. In: MICHELON, Francisca Michelon (org.). *O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas*. – Pelotas: Ed. UFPel, 2019, p. 133 – 138. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/memorialdoanglo/files/2020/11/Patrimonio-Industrial-UFPel-7-11_compressed-1.pdf. Acesso em: 11 jan.2025.
- CARDOSO, Paula Bez. *Mercosul Multicultural: reabilitação da antiga Cervejaria Sul-Riograndense, Pelotas – RS*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/194500>. Acesso em: 19 jan.2025.
- CARRICONDE, Clodomiro. *Álbum de Pelotas NoCentenário da Independência*. Pelotas: Globo, 1922. Acervo Guilherme Pinto de Almeida.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. *Atenas do Sul: Recepção e (Re)Significação do Legado Clássico na Iconografia Urbana de Pelotas (1860-1930)*. *Almanaque do Bicentenário de Pelotas. v.2: Arte e Cultura*. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2014.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

Figura 10 – Exemplar de escravas (a) em uma janela de prospecção no centro da parede e (b) em um barrado na parte superior. Fonte: Autoria própria, 2025.

COELHO, Jossana Peil; MICHELON, Francisca Ferreira; NOGUEIRA, Cláudia da Silva. A zona portuária de Pelotas [RS]: nova paisagem de um bairro antigo. *Labor & Engenho*, Campinas, SP, v.16, p.1-11, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8669972/30833>. Acesso em: 10 jan.2025.

CURTIS, William. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

FERREIRA & CIA. *Almanach de Pelotas*. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1913.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. O último apito: patrimônio industrial, memória e esquecimento. In: MENEGUELLO, Cristina; ROMERO, Eduardo; OKSMAN, Silvio (orgs.). *Patrimônio industrial na atualidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021, p. 95 – 115.

GOULARTE, Daniela Vieria. Friches Industriais Pelotenses: Uma nova narrativa da imagem através da Cultura Visual e da Estética. *Revista Arte ConTexto*, v.2, n4, Jul.,2014. Disponível em: https://artcontexto.com.br/artigo-edicao04-daniela_goularte.html. Acesso em: 11 jan.2025.

KUHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial na atualidade: algumas questões. In: MENEGUELLO, Cristina; ROMERO, Eduardo; OKSMAN, Silvio (orgs.). *Patrimônio industrial na atualidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021, p. 13 – 40.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARTINS, Roberto Duarte. *A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: A construção da cidade de Jaguara*. [s.l.]: Universitat Politècnica de 151 Catalunya, 2002. Disponível em: <<https://upcommons.upc.edu/handle/2117/93390>>. Acesso em: 25 maio 2022.

MICHELON, Francisca Ferreira. A Cidade Como Cenário do Moderno: Representações do Progresso nas Ruas de Pelotas (1913-1930). *Biblos*, Rio Grande, 16: 125-143, 2004.

MONTELLI, Clarissa Castro Calderipe. *Documentação Fotográfica da Antiga Cervejaria Haertel*. 2005. Monografia (Pós-Graduação em Patrimônio Histórico e Cultural) Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas, 2005.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal. *100 imagens da arquitetura pelotense*. Pelotas: Palotti, 1998.

PATRON, Rita; CHAVES, Larissa Patron. A memória e a revitalização urbana na zona portuária da cidade de Pelotas/RS: uma análise do novo ciclo iniciado com a Universidade Federal. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Enanparq, 2018, Salvador. *Anais [...]*. Salvador, Ed. da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 2018. v. 2. p. 4185-4196. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27744>. Acesso em: 10 jan.2025.

RODRIGHIERO, Juliana Cavalheiro; OLIVEIRA, Ana Lucia Costa de. A forma urbana e a correlação com o patrimônio eclético em Pelotas (Rio Grande do Sul). *Oculum Ensaios*, Campinas, v.20, 2023. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/5265>. Acesso em: 10 jan.2025.

RUBIRA, Luís (Org.) *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. v.2. Textos de Pesquisadores e Imagens da Cidade. Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA RS / Gráfica e Editora Pallotti, 2014, 576f.

SALABERRY, Jeferson Dutra. *A agroindustria no bairro do Porto: Pelotas - RS (1911-1922)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Espelho, máscaras, vitrines: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas*. Pelotas, 1870 - 1930. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila (Org). O Ecletismo Historicista em Pelotas: 1870 – 1931. In: SANTOS, Carlos Alberto Ávila (Org.). *Ecletismo em Pelotas: 1870-1931*. Pelotas: UFPel, 2014. p. 13 – 59.

SCHUMANN, Eduardo; LOURENÇO, Wiliam Martins; DUARTE, Tiaraju Salini . A industrialização do município de Pelotas/RS: Um estudo sobre a territorialização do início do século XX no bairro Porto. In: Seminário de Estudos Urbanos e Regionais, 2019, Pelotas. *Anais [...]*. Pelotas: UFPel, 2019. v. 19. p. 1-12. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geoter/files/2020/11/seur.2019.eduardo.pdf>. Acesso em: 12 jan.2025.

SOARES, Helena Borda. *Core e Identidade do ambiente urbano: o bairro Porto, Pelotas/RS*. 2014. 166p. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.